



“Você realmente acredita que somos irmãs?”, Catherine (à direita) adorava me perguntar.



Um show de irmãs

Enquanto crescia, ela foi o martírio da minha existência. Agora, estava de volta à minha vida.

POR KERI WELHAM

EU QUERIA que o nome dela fosse Amy e, tendo sido a preciosa filha única por seis anos, esperava que seguissem minha sugestão. Fiquei pasma quando a chamaram de Catherine. No dia em que a trouxeram para casa, minha tia disse que eu não podia segurá-la. O bebê não gosta de ser apertado, advertiu ela. Não gostei do bebê.

Por volta dos meus 8 anos, estava resignada com meu novo papel de irmã mais velha. Todas as manhãs eu

tinha de preparar seu mingau, fazer sua cama e mantê-la entretida com sorvetes, subidas em árvores, troca de roupas e canções. Às 8 horas, quando mamãe voltava do estábulo, eu podia sair de cena, pegar minha velha bicicleta e sumir. Às vezes, Cathy percebia que eu estava saindo e chorava enquanto suas perninhas a levavam atrás de mim. De rosto inchado, ela gritava meu nome.

UMA VEZ, no meu aniversário, meus avós vieram jantar. Ganhei um bolo. Cathy teve um ataque de raiva. Soprou minhas velas, pegou meus presentes. Mais tarde naquela noite, papai entrou de fininho em nosso quarto, enquanto ela dormia, e deixou alguns livros na minha mesinha-de-cabeceira.

Era difícil segurar o choro, mas eles precisavam que eu fosse forte. Enquanto Cathy passava seus dias bagunçando a sala de jogos, fazendo pirraça e me seguindo, era meu dever ser boazinha.

Algumas vezes, ela me dava socos no rosto com as mãozinhas fechadas. Outras, insistia em me abraçar. E chorava se eu não segurasse suas mãos enquanto dormia. Juntaram nossas camas de solteiro e, quando as luzes se apagavam, ela esticava a mão, tateando a colcha até encontrar a minha.

Cathy era bem morena, como mamãe e meus avós maoris. E papai era o *pakeha* (europeu) mais escuro que se tinha visto. E aí vinha eu: clara,

sardenta, olhos verdes, cabelos castanho-avermelhados. Mas eu não era a esquisita, de jeito nenhum. Ela é que era. Como sussurrava em seu ouvido, ela era a ovelha negra.

Isso mesmo. Em algum momento em torno dos 10 anos, eu mudei. O papel de garota crescida não estava me ajudando em nada. Fui eclipsada por uma pirralha, então me transformei na torturadora, reagindo com pequenas atitudes. Quando ela me abraçava, eu não retribuía o abraço. Puxava suas marias-chiquinhas enquanto ela dormia. Conte-lhe a verdade sobre Papai Noel. Insistia em afirmar que ela havia sido adotada.

Aos 13 anos fui para o colégio interno. Cathy se agarrou assustada em minha cintura no saguão da escola e teve de ser carregada. Ela escrevia cartas: "Querida Keri, gostaria que você voltasse para casa. Tenho de fazer todo o seu serviço..."

E ela fazia. Preparava seu café da manhã, arrumava a cama, colocava os pratos na lava-louças, varria a varanda. Nesse processo, algo surpreendente aconteceu. Ela se tornou prática, sensata, boa cozinheira, econômica nas compras, uma realista. Em resumo, ela cresceu.

Vivemos separadas durante os 14 anos seguintes. Terminei a escola, fui para uma universidade distante e comecei a trabalhar. Cathy também foi para o colégio interno e depois para a universidade.

Até que, no ano passado, Cathy mudou-se para o meu apartamento. Ia estudar educação e escolheu a fa-

culdade perto de mim. Como Cathy só estudava, tinha um pouco mais de tempo do que eu. Fazia as compras para mim, preparava minha comida e às vezes lavava minhas roupas. E me avisava quando era hora de levá-las para o tintureiro. Começamos a nos conhecer novamente. Para minha surpresa, descobri que, aos 22 anos, ela era impetuosa, franca e honesta, e a pessoa mais engraçada que eu conhecia.

Há algumas semanas saímos para jantar. Ela estava voltando para a Ilha do Norte. Disse que seria a comemoração de nossa última semana morando juntas. Pedi que não falasse assim. Na véspera de sua partida, deitamo-nos lado a lado na minha cama ouvindo música e conversando sobre quando éramos pequenas. Nossos braços se tocavam – o meu, sardento com penugem loura, e o dela, moreno e sem sardas.

– Você acredita que sejamos mesmo irmãs? – perguntou ela.

Essa é uma de suas conversas favoritas. Ela focaliza mais as diferenças do que as semelhanças.

– Acredito – respondo, um pouco na defensiva.

Ela me encara, deliciando-se com minha sensibilidade. Observações sobre o resto da família ser escura ficam no ar, omitidas.



Seis anos mais velha do que Cathy, eu me resignei ao papel de irmã maior.

Olho para ela, maravilhada. Será que essa jovem mulher espirituosa e vivaz é resultado do modo pelo qual ajudei a criá-la? Será que contribuí para a formação de sua personalidade e o desenvolvimento de seus talentos? No entanto, estou certa de que lhe ensinei minhas melhores falas.

– Detesto ter de contar isso a você – diz ela, os olhos brilhando, um sorriso escapando entre as palavras. – Mas acho que você foi adotada.

O TAMANHO DA FÉ

Um jornalista pergunta ao escritor chileno Armando Uribe:

– No que você acredita, além de Deus?

– Isso já não lhe parece muito?